

# UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA: ABRINDO HORIZONTES, CONSTRUINDO CAMINHOS

Volume II

Jenerton Arlan Schütz  
Leandro Mayer  
Marco Antônio Franco do Amaral  
(Organizadores)



EDITORA

ILUSTRAÇÃO



Jenerton Arlan Schütz  
Leandro Mayer  
Marco Antônio Franco do Amaral  
(Organizadores)

**UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO  
CONTEMPORÂNEA:  
ABRINDO HORIZONTES, CONSTRUINDO  
CAMINHOS - VOLUME II**

Editora Ilustração  
Cruz Alta – Brasil  
2020

Copyright © Editora Ilustração

**Editor-Chefe:** Fábio César Junges

**Diagramação:** Fábio César Junges

**Capa:** Tiago Beck

**Imagem da capa:** Freepik

**Revisão:** Os autores

#### CATALOGAÇÃO NA FONTE

---

O45 Um olhar sobre a educação contemporânea [recurso eletrônico] :  
abrindo horizontes, construindo caminhos / organizadores :  
Jenerton Arlan Schütz ... [et al.]. - Cruz Alta: Ilustração, 2020.  
v. 2

ISBN 978-65-88362-05-1

DOI: 10.46550/978-65-88362-05-1

1. Educação. 2. Formação de professores. I. Schütz,  
Jenerton Arlan (org.).

CDU: 37

---

Responsável pela catalogação: Fernanda Ribeiro Paz - CRB 10/ 1720

2020

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora Ilustração.  
Todos os direitos desta edição reservados pela Editora Ilustração.

Rua Coronel Martins 194, Bairro São Miguel, Cruz Alta, CEP 98025-057

E-mail: [eilustracao@gmail.com](mailto:eilustracao@gmail.com)

[www.editorailustracao.com.br](http://www.editorailustracao.com.br)

## Conselho Editorial

Adriana Maria Andreis	UFFS, Chapecó, SC, Brasil
Adriana Mattar Maamari	UFSCAR, São Carlos, SP, Brasil
Célia Zeri de Oliveira	UFPA, Belém, PA, Brasil
Clemente Herrero Fabregat	UAM, Madrid, Espanha
Daniel Vindas Sánches	UNA, San Jose, Costa Rica
Denise Girardon dos Santos	FEMA, Santa Rosa, RS, Brasil
Domingos Benedetti Rodrigues	SETREM, Três de Maio, RS, Brasil
Edemar Rotta	UFFS, Cerro Largo, RS, Brasil
Edivaldo José Bortoleto	UNOCHAPECÓ, Chapecó, RS, Brasil
Egeslaine de Nez	UFMT, Araguaia, MT, Brasil
Elizabeth Fontoura Dorneles	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Evaldo Becker	UFS, São Cristóvão, SE, Brasil
Glaucio Bezerra Brandão	UFRN, Natal, RN, Brasil
Gonzalo Salerno	UNCA, Catamarca, Argentina
Héctor V. Castanheda Midence	USAC, Guatemala
Luiz Augusto Passos	UFMT, Cuiabá, MT, Brasil
Maria Cristina Leandro Ferreira	UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil
Odete Maria de Oliveira	UNOCHAPECÓ, Chapecó, RS, Brasil
Rosângela Angelin	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Tiago Anderson Brutti	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc*.



## SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	13
Marco Antônio Franco do Amaral	
AS INFLUÊNCIAS DO NEOLIBERALISMO NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: A DESUMANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	15
Daiane Altenhofen	
Ireno Antônio Berticelli	
AUTORITARISMO DO CURRÍCULO E A REPRODUÇÃO DO SILENCIAMENTO DISCURSIVO NO CONTEXTO ESCOLAR: PROPOSTA DE UMA ESCOLA COMO <i>LOCUS</i> DE MUDANÇA.....	29
Alexandre Passos Bitencourt	
O MODELO DE ENSINO REMOTO E A OPRESSÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR BRASILEIRA.....	43
Leila Kely dos Santos da Paz	
Silvio Nunes da Silva Júnior	
CUIDADO E RESPONSABILIDADE: A RELAÇÃO DOS ADULTOS PARA COM AS NOVAS GERAÇÕES .....	53
Jenerton Arlan Schütz	
Ivan Luís Schwengber	
EXPERIÊNCIAS DE ENSINO DE HISTÓRIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: TRÊS PERSPECTIVAS VOLUNTÁRIAS .....	63
Carlos Eduardo Piassini	
Sandi Mumbach	
João Vitor Sausen	

QUATRO ANOS DE ACOSSAMENTO ÀS PESQUISAS SOBRE GÊNERO, ORIENTAÇÃO SEXUAL E IDENTIDADE DE GÊNERO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS.....	79
Rodrigo Toledo	
FACETAS HISTÓRICAS DA EDUCAÇÃO: COLOCAÇÕES SOBRE O NEGRO E A MULHER NO CONTEXTO EDUCACIONAL.....	91
Italândia Ragi	
Letícia Fernanda Carvalho Silva	
Marcos Gabriel de Oliveira	
Taísa Rita Ragi	
REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO ESPECIAL PARA SUPERDOTADOS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19.....	105
Núbia Martins Gonzaga	
Meire Luiza de Castro	
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	119
Regiane Caris dos Santos	
Juliano Viliam Cenci	
A ARTE ENQUANTO FERRAMENTA POTENCIALIZADORA NO DESENVOLVIMENTO DO ALUNO SURDO .....	129
Adelene de Souza	
O ESTÊNCIL COMO FERRAMENTA ARTÍSTICA POTENCIALIZADA DA APRENDIZAGEM.....	139
Cassiano Arantes	
João Henrique Lodi Agreli	
A FORMAÇÃO CONTINUADA DOCENTE SOB OS DIFERENTES OLHARES DE SEU PÚBLICO-ALVO .....	147
Airton Pott	
Alexandra de Moura	
Andreia Voll	

PROFESSORES FORMADORES DE DOCENTES E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS: O ENSINO E A APRENDIZAGEM NA CONTEMPORANEIDADE .....	161
Daniele Rosa de Lima	
Nelci Candido Dropa	
Analígia Miranda da Silva	
PEDAGOGO NO CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL: TEM ESPAÇO? .....	175
Roberta Taís Recktenwald	
Caroline Schreder	
PEDAGOGIA A DISTÂNCIA: QUANDO, ONDE E POR QUÊ? .....	191
Rosângela Lopes Borges	
Kyvy Ferreira dos Santos	
OS PERCURSOS DO COOPERATIVISMO NA ATUALIDADE: O CASO DO PROGRAMA DE COOPERATIVISMO NAS ESCOLAS (PCE) NA REGIÃO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL .....	207
Celso Gabatz	
Rosângela Angelin	
A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM MORRINHOS – GO: ANALFABETOS EM UMA SOCIEDADE LETRADA.....	221
Ana Lúcia Ribeiro do Nascimento	
Marco Antônio Franco do Amaral	
CONSTRUINDO CONHECIMENTOS EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA TESSITURA ENTRE O PROCESSO INVESTIGATIVO E A EXPERIÊNCIA PRÁTICA.....	237
Anaquel Gonçalves Albuquerque	
Luciene do Nascimento Gonçalves	
PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA SOBRE OS INSETOS VETORES DE PATÓGENOS HUMANOS.....	245
Eliel Souza de Oliveira	
Priscilla Morgana Ferreira Guimarães de Figueiredo	
Sebastião do Nascimento Batista	

COMO ENSINAR CIÊNCIAS DA NATUREZA EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	263
--	-----

Dircelei Arenhardt

BILHETE ORIENTADOR COMO PRÁTICA DE ENSINO ONLINE DE PRODUÇÃO TEXTUAL: DA CANETA VERMELHA AO TECLADO... 273
--

Peterson Luiz Oliveira da Silva

Alan Ricardo Costa

Thaís Teixeira de Oliveira

O ENSINO DA ESCRITA E O TRATAMENTO DADO AOS TEXTOS: UMA PROPOSTA DE CORREÇÃO COLETIVA .....	285
---	-----

Antonio Laiton Moraes Duarte

Camila Aragão Mesquita de Souza

Clair da Silva Teixeira

O USO DAS TECNOLOGIAS EM SALA DE AULA PELOS PROFESSORES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA RURAL: DESAFIOS DAS TIC'S COMO INTERVENÇÃO DIDÁTICA .....	299
---	-----

Erimar Pereira da Rocha

Sarah Fontenelle Santos

UMA ANÁLISE SOBRE O USO DA IMAGEM FOTOGRÁFICA COMO ILUSTRAÇÃO LITERÁRIA.....	313
--	-----

Ludmila Magalhães Naves

Ilsa do Carmo Vieira Goulart

TEXTOS ESPONTÂNEOS DE CRIANÇAS DO 3ºANO: NÍVEIS ESTRUTURAIS DA LINGUAGEM ESCRITA.....	325
---	-----

Amanda Sibebe da Silva Lima

Odair Ledo Neves

Romário Pereira Carvalho

Vanuza Cecília Oliveira

EXPOSIÇÃO DE “CONHECIMENTO TECNOLÓGICO” REMOTO – UMA EXPERIÊNCIA BEM SUCEDIDA NAS AULAS DE MATEMÁTICA
---

EM TEMPO DE PANDEMIA.....	335
Márcia Barbara Bini	
Sandra Denise Zawaski	
O ENSINO DE HISTÓRIA EM TEMPOS DE PANDEMIA .....	343
Pâmela Pongan	
METODOLOGIAS DE PESQUISA DOS ARTIGOS PUBLICADOS NA REVISTA <i>HOLOS</i> EM 2017 .....	357
Heriberto Silva Nunes Bezerra	
João Daniel de Lima Simeão	
Antônio Leoni dos Santos Júnior	
Waleska Barroso dos Santos Kramer Marques	
LITERACIA CRÍTICA EN EL <i>IDIOMA</i> INGLÉS: REFICCIONES Y RETOS METODOLOGICOS DEL TRABAJO DEL PROFESOR .....	371
Francisco Jeimes de Oliveira Paiva	
Rogério Nogueira Rodrigues da Silva	
Eduardo Dias da Silva	
O DIFERENTE NA COMPREENSÃO DO SOCIAL: PODER, SUJEIÇÃO E IDENTIDADES NO MUNDO GLOBALIZADO.....	389
Sandra Espich	
Daniel Hedlund Soares das Chagas	
Tarcisio Dorn de Oliveira	
Etyane Goulart Soares	
A ÉTICA EMPRESARIAL: OS CAMINHOS DA EMPRESA CONTEMPORÂNEA .....	405
Gabriella Roberta Sampaio Santos	
George Wilde Fernandes Silva	
Gislaine Machado dos Santos	
Dirlêi Andrade Bonfim	
SOBRE OS ORGANIZADORES .....	421



## PREFÁCIO

O ano de 2020 será marcado nos livros de história com múltiplas cicatrizes. Mais de 1,5 bilhão de alunos foram afetados diretamente com o fechamento das escolas e mais de 60 milhões de professores estão sem respostas às múltiplas indagações que surgem diariamente com os novos desafios. Desde que a pandemia da Covid-19 se instalou no mundo, inúmeros países adotaram o fechamento total das escolas e iniciaram medidas emergenciais para tentar conter a proliferação de um vírus desconhecido. Em meio a uma crise sem precedentes, com proporções globais, educadores, educandos e suas famílias passaram a lidar cotidianamente com as múltiplas implicações da palavra imprevisibilidade e, em prol da manutenção da vida, estamos (re)aprendendo formas de ensinar, conviver em sociedade.

No Brasil, após o Ministério da Saúde ter confirmado, em 26 de fevereiro, o primeiro caso de Covid-19, os governos estaduais e municipais optaram pelo fechamento total das escolas na expectativa de reduzir a proliferação do vírus. Inúmeros organismos internacionais estão publicando estudos sobre as experiências internacionais de medidas para conter a pandemia e o seu efeito na educação. Há diversas indagações que se colocam: quais os riscos do fechamento das escolas? Como as escolas podem promover o aprendizado para todos, diante da multiplicidade de contextos socioeconômicos da população? Quais ações podem ser realizadas em curto prazo? A educação a distância consegue suprir as necessidades de todos os educandos?

A partir de março, mais de 48 milhões de estudantes pararam de frequentar as atividades presenciais nas mais de 180 mil escolas de ensino básico espalhadas por todos os estados. O percurso da educação no país sofreu uma modificação drástica e, na busca de responder de forma rápida aos efeitos negativos da crise, inúmeras ferramentas passaram a ser instaladas. Educadores e educadoras viram-se, de um momento para outro, tendo que atuar em um contexto de excepcionalidade e de uma enorme exigência laboral. Alternativas passaram a ser adotadas com a intenção de redução do prejuízo educacional e a preservação do direito à educação.

A enorme diversidade de realidades educacionais, sociais e econômicas dentro do Brasil é, por si só, um grande desafio à educação mesmo em períodos não emergenciais. A pandemia trouxe um panorama ainda mais desafiador e

que precisa ser compreendido de maneira mais global. O desmatamento, as queimadas, os conflitos armados, a falta de diálogo entre governo e educadores e a descrença do atual governo no conhecimento científico impactam diretamente na condução de medidas para minimizar os efeitos da pandemia na educação. As portas das escolas estão fechadas e a instauração de um “novo normal” no processo de ensino e aprendizagem passa pela implantação de novas tecnologias, metodologias ativas e os desafios de gestores imersos na falta de recursos.

Nessa direção, urge uma revisão e adequação ao atual modelo de educação mediada por tecnologia por meio de múltiplos formatos que garantam a aprendizagem significativa dos educandos. Há de se construir uma ação integrada entre diferentes mídias como rádio, televisão e as redes sociais que, conjuntamente, possam ser acessíveis aos alunos em um país com dimensões continentais. Além disso, é preciso rever a formação dos nossos educadores e outros profissionais da educação. A lógica da educação da maioria das escolas públicas no país, que hoje se encontram sucateadas, precisa ser repensada para os enfrentamentos pós-Covid. Precisamos de uma geração mais compromissada com a sociedade, com a justiça, com a responsabilidade social e ambiental, com mais empatia e alteridade.

É nesse contexto que esta obra se localiza. “Um olhar sobre a educação contemporânea: abrindo horizontes, construindo caminhos” busca realizar a interlocução entre educação, mídias, Covid-19 e novas questões que estimulem reflexões éticas e morais em meio a uma nova realidade educacional. Novos desafios impõem um replanejamento de ações políticas que impactam diretamente na qualidade da educação brasileira. Resiliência, colaboração e capacitação profissional. Uma nova realidade está colocada. Sigamos em frente!!! Uma excelente leitura e reflexão.

*Marco Antônio Franco do Amaral*

# O MODELO DE ENSINO REMOTO E A OPRESSÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR BRASILEIRA

Leila Kely dos Santos da Paz<sup>1</sup>  
Silvio Nunes da Silva Júnior<sup>2</sup>

## 1 Palavras iniciais

Este estudo surge do compartilhamento diário de angústias, anseios e medos de professores de diferentes níveis de ensino e componentes curriculares diversos que precisam lidar com as dificuldades impostas pelo modelo remoto de ensino no Brasil. Caracteriza-se o conjunto de diretrizes impostas aos docentes como práticas de opressão frente a uma realidade educacional que não tem condições de abarcar as exigências do que se espera de um modelo de ensino remoto, gerando um grande impacto nos processos educativos de escolas de esfera pública. O grande contraponto ocasionado pelo modelo remoto entre o ensino público e o ensino privado, a ausência de formação de professores para o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e os riscos de diminuição salarial são as questões que impulsionaram a escrita do presente capítulo, o qual se embasa nelas para articular a realidade de ensino vivenciada em 2020 com as considerações de Paulo Freire (2019) sobre a opressão e outras temáticas vinculadas à área da Educação, especialmente no contexto brasileiro.

---

1 Mestranda em Ensino de Ciências e Matemática pelo Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Alagoas (PPGECIM/UFAL). Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) e especialista em Alfabetização e Letramento pela Universidade Cândido Mendes (UCAM).

2 Doutorando e mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL), especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, pela Universidade Cândido Mendes (UCAM), Linguagens e Educação a Distância, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e Formação em Educação a Distância, pela Universidade Paulista (UNIP). É licenciado em Letras/Português pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Membro do Grupo de Estudos Discurso, Ensino e Aprendizagem de Línguas e Literaturas (GEPEALL/CNPq/UFAL) e do Grupo de Estudo das Narrativas Alagoanas (GENA/CNPq/UNEAL).

## 2 A opressão na pandemia

Em 2020, as sociedades se depararam com a existência de um novo vírus, um vírus gripal, que se manifesta de maneira mais agressiva no sistema respiratório, acarretando complicações e, assim, levando a óbito milhares de pessoas pelo mundo. O novo coronavírus SARS-CoV-2 (COVID-19), como foi denominado pelos cientistas, teve seus primeiros registros na cidade de Wuhan-China, entre o final de 2019 e início de 2020. No Brasil, o primeiro registro de caso da Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus, foi em São Paulo, no final de fevereiro. Nesse período, as escolas brasileiras estavam em processo de iniciação do ano letivo, em meados do mês de março e, devido à pandemia causada pela disseminação do coronavírus, iniciou-se o fechamento de universidades e escolas públicas e privadas, ainda sem alternativas estabelecidas para a continuidade das práticas de ensino.

Diante das declarações da Organização Mundial de Saúde (OMS) a respeito do distanciamento social, a educação escolar brasileira, principalmente no que concerne às escolas particulares, começaram a dialogar e propor alternativas para o ensino remoto. O ensino remoto funciona como uma adaptação das aulas presenciais num contexto virtual, o que difere em diferentes aspectos do ensino à distância. Por essa razão, as duas modalidades não podem ser colocadas numa relação sinonímia, pois apresentam distanciamentos que justificam o processo de adaptação que vem ocorrendo em variados contextos de ensino e aprendizagem, das séries iniciais às universidades.

No entanto, o Brasil enfrenta, ao mesmo tempo, dificuldades no que concerne à formação de professores para o trato com as TIC, necessárias para as práticas de ensino remoto. Dessa maneira, é preciso tomar como pauta as condições dispostas aos professores que efetuam o ensino remoto, mais enfaticamente nas poucas escolas da rede pública que passam por esse processo de adaptação, visto que, em grande parte, tal ensino não é possível devido a inexistência de acesso à internet e aparelhos tecnológicos por parte dos alunos. Diante disso, o ensino remoto acaba atuando como um modelo que não pode ser replicado em qualquer contexto, com os diferentes sujeitos que compõem os processos de aprendizagem. Esse modelo, a nosso ver, vem propiciando práticas de opressão, uma vez que não se consegue refletir sobre o que é dever do professor frente a uma realidade de ausência de formação inicial e continuada para o uso das TIC. A esse respeito, Freire (2019), ao discutir sobre a Pedagogia do Oprimido, apresenta reflexões sobre a humanização e a militância que professores devem desenvolver na busca pela superação. A superação, dentro do que Freire (1997) compreende como educação para inserção, não significa a aquisição de conhecimento imediato acerca do que

o ensino remoto exige, mas, sim, a maneira com a qual o professor se impõe diante do que lhe é cobrado.

A superação pode ser representada pela negação do sujeito à sua realidade composta por questões que forcem os anseios de um modelo educacional opressivo e demagogo. Com isso, Freire (2019) problematiza a vocação atribuída aos que exercem a profissão de professor que, por consequência na humanidade roubada, ocasiona o que o mesmo autor chama de desumanização. Dando continuidade a essa temática, Freire (2019, p. 40-41, grifos do autor) acrescenta que

A desumanização, que não se verifica apenas nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do *ser mais*. É distorção possível na história, mas não vocação histórica. Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, *destino dado*, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o *ser menos*.

Ao exercer a licenciatura, é preciso que se tenha construído e se venha construindo uma formação crítica a partir das condições de desumanização nas quais a educação é posta. Para além de concepções tradicionais de ensino e formação de professores, Freire (2019) aposta na compreensão de que o destino pode ser reconstruído e que a alienação não deverá ter espaço em ambientes educacionais, sociais, políticos, históricos e culturais, quando se luta, em linhas gerais, por superação. A educação precisa superar situações-limites que são representadas pelos sistemas exploratórios e alienantes, que tentam obrigar e culpar professores pelo mau desempenho que os alunos venham a ter, bem como os culpem por não sacrificarem seus salários para a compra de materiais tecnológicos em tempos de ensino remoto, o que sinaliza sobrecarga de trabalho.

A superação-limite se encontra no exercício de se libertar de situações que antes causavam opressão, negando o direito de impor sua verdade, verdade essa que não se dá no conformismo diário do fazer pedagógico, mas nas lutas constantes travadas por profissionais críticos e éticos. O posicionamento do sujeito diante de questões problemas tem sido relevante para a sociedade permitir que diferentes práticas, antes despercebidas, sejam analisadas a partir do ponto de vista de quem é condicionado a situações de opressão. Assim, procura-se uma educação caracterizada como uma política pública que estimule a constituição de práxis docentes, que envolvem ação e reflexão.

Em sua práxis, o professor é crítico a ponto de problematizar e desconfiar da generosidade falsa de opressores (FREIRE, 2019) que negam os problemas educacionais, a violência e as condições desumanas às quais professores são submetidos quando o objetivo é enaltecer propostas pedagógicas vindas de cima para baixo.

Nessa perspectiva, Freire (2019, p. 42) depreende que os opressores, falsamente bondosos e generosos, “têm necessidade, para que a sua “generosidade” continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça. A “ordem” social injusta é a fonte geradora, permanente, desta “generosidade” que se nutre da morte, do desalento e da miséria”. A falsidade generosa que Freire (2019) critica se concebe nos espaços educacionais e são visíveis nos discursos de que os resultados do ensino remoto se igualam aos do ensino presencial. A posição crítica do sujeito identifica que esse ensino não vem sendo eficaz no sentido de não atender ao público em geral, principalmente no que tange alunos de escolas públicas. Devido o baixo investimento em educação de qualidade, as hierarquias públicas de ensino não oportunizam material tecnológico para a realização de trabalhos por alunos e professores. Assim, a ausência de consciência crítica de docentes induz a muitos sacrificarem seus salários (baixos) em compras de suporte tecnológico, além de formação continuada e cursos livres, para auxiliar no uso de plataformas.

Nesse sentido, Freire (2019, p. 63), direcionando-se ao professor que enfrenta os desafios de sala de aula, alerta que “a humanização é apenas sua. A dos outros, dos seus contrários, se apresenta como subversão”. A humanização se encontra nos atos de resistência e indignação das formas de violência e opressão que circundam os contextos escolares, num constante caminhar contra formas sádicas providas pelas opressões. Ainda segundo Freire (2019, p. 64), “o sadismos aparecem, assim, como uma das características da consciência opressora, na sua visão necrófila do mundo. Por isto é que o seu amor é um amor às avessas – um amor à morte e não a vida”. Sob essa ótica, o amor à profissão não significa a aceitação à tudo o que é imposto ao professor, como se este atuasse numa posição passiva em suas situações de trabalho, mas um amor à prática docente visando a formação de alunos também críticos. Por isso, defende-se um ensino pensante e reflexivo que dialogue sobre as demais práticas sociais, incluindo as dificuldades e os desafios docentes frente ao ensino remoto.

Desse modo, a realidade de ensino compartilhada no século XXI e, especialmente, em 2020, impõe para a sociedade um ensino bancário (FREIRE, 2019), mecânico e repetitivo de palavras ocas, sem nexos e sem compromisso. A educação acaba se tornando um ato de depositar, em que os

educandos são os depositários e o educador, o depositante (FREIRE, 2019). É necessário que se busque o contrário desse modelo de educação. Entende-se, com base em Freire (2019), que o fazer docente é um de mediação pedagógica que provoca, indaga os sujeitos e atribui espaço para que estes possam também indagar a partir de temáticas relevantes. O momento atual requer que não só os docentes questionem as perspectivas educacionais da contemporaneidade. Outros sujeitos, como alunos e pais, devem participar dessas discussões, visando o apontamento de dificuldades e o estabelecimento de outras estratégias que possam não somente prezar pelo financeiro, mas, também, pelo humano, uma vez que

A educação libertadora, problematizadora, já não pode ser um ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente. Como situação gnosiológica em que o objeto cognoscível, em lugar de ser o término do ato cognoscentes de um sujeito, é o mediatizador de sujeitos cognoscentes, educador, de um lado, educandos, de outro, a educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação da contradição educador-educando (FREIRE, 2019, p. 94)

A educação libertadora precisa que os sujeitos nela envolvidos tomem os conceitos de libertação e firmeza em suas reflexões e ações. Para Demo (2020, p. 45), “buscamos na escola, não confrontos entre correntes divergentes, mas algum acerto comum possível em torno de garantir a aprendizagem dos estudantes”. Essa garantia é atrelada aos posicionamentos e ao direito de que todos têm de usufruir dos gozos sociais, culturais, políticos e históricos. A esse respeito, Silva (2020, p. 53) afirma que

a educação, que entende que o indivíduo tem direito à cultura, à fruição dos patrimônios culturais, também visa a uma formação para a participação e de interferência nas decisões públicas sobre as políticas culturais e educacionais, que, por intermédio de sua articulação com os movimentos sociais exija o direito individual e da comunidade à cultura, à educação, ao direito de produzir cultura, em uma perspectiva de superação e de oposição a políticas neoliberais voltadas à cultura, que têm como princípios transformar a cultura em serviços, em mercado, que na maior parte das vezes atende a uma pequena parcela elitizada da população.

As políticas neoliberais são permeadas por um conceito nacionalista e, conseqüentemente, elitista. Elas se instauram na construção e na implantação do ensino remoto, que não estabeleceu uma equidade de condições mínimas para professores e alunos de escolas públicas, o que destaca que “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa.” (FREIRE, 2019, p. 95 e 96). Nesse contexto, o diálogo é crucial para que se reflita sobre as condições postas para o ensino remoto. A partir das problematizações que emergem nas

reflexões, é possível contestar manifestações abusivas que ficam acobertadas por discursos dominantes na tentativa de impor um modelo de ensino que não atende aos anseios de professoras e alunos. Para Freire (2019), a palavra verdadeira é trabalho, é práxis, é transformação do mundo. Dessa maneira, “dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais” (FREIRE, 2019, p. 109).

Ao criarem condições para lutar contra as opressões de um sistema educacional que persiste num ensino mecânico e alienante das massas, os professores conseguem dizer suas palavras verdadeiras. A construção de saberes compartilhados permite que hajam diálogos abertos e amplos sobre questões que afetam as práticas educativas. O ensino remoto vem sendo opressor de professores e o construtor da ampliação das desigualdades aprendizagem num contraponto ainda maior entre ensino público e ensino privado. O modelo remoto de ensino é opressor de professores, pois, num curto espaço de tempo, eles foram levados à assumirem funções precárias de editores de vídeos, técnicos de informática, mediadores de videoconferências, entre outras, sem que houvesse nenhum tipo de reajuste salarial ou formação adequada.

### **3 Alguns dos (possíveis) reais sentidos da implementação do ensino remoto no Brasil**

Numa conjuntura que se justifica como emergencial, o Ministério da Educação (MEC) do Brasil aprovou o funcionamento de escolas e universidades por meio de um modelo remoto de ensino. A adjetivação desse modelo como emergencial vem da possibilidade de a adoção desse ensino reduza os prejuízos para o ensino e a aprendizagem em contextos escolares brasileiros. Entretanto, tal método de ensino não se vem se consolidando e traz consigo um tom elitista para a educação brasileira no que diz respeito ao ensino. Para a formação e atuação profissional de professores das redes pública e privada, as consequências são as mais graves possíveis. As variadas problemáticas vêm criando um colapso educacional diante das incertezas que circundam o momento sócio-histórico em que essa realidade é compartilhada.

A emergência das mudanças no cenário educacional causou, em instituições públicas de ensino, algumas problemáticas, dentre elas a ausência, por alunos e professores, de condições de trabalho remoto, o que engloba a falta de recursos e de formação para lidar com as TIC. Outro fato relevante é compreender quem foram os sujeitos que melhor se adaptaram a este modelo de ensino. E é isso que buscamos refletir e dialogar, neste momento, visto

que é necessário enquanto educadores pensar sobre o que o ensino remoto emergencial proporcionou e venha a proporcionar à educação.

As escolas privadas foram as primeiras a implementar o modelo de ensino remoto, num primeiro momento com objetivo de não perder alunos e, posteriormente, para desenvolver atividades curriculares como testes para possíveis mudanças transformativas nas práticas pedagógicas de professores no decorrer das futuras aulas. Timidamente, diante dos avanços dados pela esfera privada de ensino, escolas públicas começaram a caminhar em busca de adaptar o modelo de ensino remoto às realidades dos alunos e dos professores com alternativas como a entrega e devolução de atividades impressas, prática arriscada para docentes e discentes, bem como o compartilhamento de atividades por aplicativos de comunicação instantânea.

Com essas situações que norteiam diversos estados e municípios, a única ampliação possível está voltada ao aumento das desigualdades educacionais entre a elite e a classe trabalhadora, entre o aluno da esfera pública e o aluno da esfera privada. Numa compreensão ilusória, tem-se disseminado a ideia de que o modelo de ensino remoto vem como uma salvação para que os alunos não percam o ano letivo e que os professores possam trabalhar, tendo que se submeter a reduções salariais em diferentes situações. Assim, considerando o processo de desvalorização profissional que ocorre há muitos anos na educação brasileira, o que se observa é a continuidade radical do sistema opressor, o qual leva os oprimidos a terem a ilusão de que atuam com liderança, quando na verdade continuam manipulados exatamente por quem, por sua própria natureza, não pode fazê-lo (FREIRE, 2019).

Na concepção freireana da ilusão, que acompanha a caracterização do sujeito oprimido, encontram-se educadores a mercê do conformismo em relação ao modelo de ensino remoto, reproduzindo o egoísmo posto por quem oprime e espera o aceite da opressão. O conformismo vem, ainda, acompanhado da competição, pois tudo é posto de modo impositivo, exigindo que os oprimidos disputem entre si para conceber a melhor prática, por exemplo. Para Freire (2019, p. 169), “o seu que fazer, ação e reflexão, não pode dar-se sem a ação e a reflexão dos outros, se seu compromisso é o da libertação”. Assim, não é possível que o fazer docente aconteça desvinculado da práxis, a qual representa a ação humana para a libertação das situações opressoras. Não faz sentido que professores se apropriem de discursos militantes e promovam práticas de depósito de regras impostas pela opressão.

Entende-se que para “dominar, o dominador não tem outro caminho senão negar às massas populares a práxis verdadeira. Negar-lhes o direito de dizer sua palavra, de pensar certo”(FREIRE, 2019, p. 170). O ato de negar as

massas é visível na aplicação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), em tempos pandêmicos, cujo inúmeros estudantes de escolas públicas do ensino médio não têm acesso, ou pouco acesso as aulas remotas, assim dificultando sua aprendizagem e por consequência lhes prejudicando em sua inserção em cursos superiores.

Mesmo com as mudanças instituídas para realização das provas para janeiro de 2021, ainda é preocupante a situação destes estudantes, que não foram ouvidos efetivamente, proporcionando a negação de falar sua verdadeira palavra, a qual é carregada de significados que lhes são próximos de sua realidade. Neste contexto, é necessário refletir sobre as condições dadas e permitidas aos estudantes de escolas públicas e privadas em tempos pandêmicos referente ao processo de ensino e aprendizagem diante do ENEM e demais vestibulares que podem aumentar o índice de desigualdade educacional, social, cultural, histórico e político em cursos superiores.

Negar os posicionamentos dos alunos das escolas públicas, bem como tirar-lhes o direito de participar ativamente das práticas escolares é uma forma de opressão e alienação. Essa negação não permite espaços de diálogo para compreender a situação dos estudantes dos brasileiros, principalmente daqueles que residem em favelas, zonas rurais de difícil acesso ou, até mesmo, em territórios de violência. Assim, Freire (2019) ressalta a importância do ser crítico:

Críticos seremos, verdadeiros, se vivermos a plenitude da práxis. Isto é, se nossa ação involucra uma crítica reflexão que, organizando cada vez o pensar, nos leve a superar um conhecimento estritamente ingênuo da realidade. Este precisa alcançar um nível superior, com que os homens cheguem à razão da realidade. Mas isto exige um pensar constante, que não pode ser negado às massas populares, se o objetivo visado é a libertação. (FREIRE, 2019, p. 17)

O verdadeiro sujeito crítico vai ser mais bem formado quando a educação estimular a superação e não de opressão e alienação. A superação estima a constituição de um sujeito em constante desconstrução e reflexão, um sujeito que se move a partir das ações que são coletivas e libertadoras, uma vez que

O educando se reconhece conhecendo os objetos, descobrindo que é capaz de reconhecer, assistindo à imersão dos significados em cujo processo e se vai tornando também significador crítico. Mas do que ser educando por causa de uma razão qualquer, o educando precisa torna-se educando assumindo-se como sujeito cognoscente e não como incidência do discurso do educador. Nisto é que reside, em última análise, a grande importância política do ato de ensinar. Entre outros ângulos, este é um que distingue uma educadora ou educador progressista de seu colega reacionário. (FREIRE, 1997, p. 24)

O ato de se reconhecer como sujeito crítico é encaminhado por

manifestações sociais e outros diferentes movimentos coletivos, que deveria ser algo próprio e indissociável do sujeito, que é movido por saberes exteriores. Portanto, quando os professores assumem posturas dialógicas e problematizadoras em suas práticas pedagógicas, a educação pode se transformar e ser mais efetivamente transformativa.

#### 4 Palavras finais

As reflexões que circundam este estudo tomam como base diferentes discursos encontrados em veículos de comunicação instantânea numa espécie de compartilhamento de resultados do modelo de ensino remoto entre professores de todo o Brasil. Essa realidade evidencia que grande parte dos professores brasileiros ainda não têm autonomia necessária para atuarem como sujeitos críticos em suas práticas, o que traz consequências prejudiciais que dificultam os processos de valorização profissional tão estimados pela classe. Dessa maneira, dentro de um cenário educacional marcado pela opressão, vê-se que os posicionamentos de Freire (2019, 1997) são atemporais e encaminham professores e pesquisadores a um sentimento de esperança, mesmo que raso perante os tantos desafios que por vezes desmotivam. Com suas considerações que perpassam tempos e espaços próximos e distantes, Freire (1997) ajuda a encerrar este capítulo quando se dirige aos professores dizendo que é preciso brigar para que se obtenha o mínimo de transformação.

#### Referências

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra São Paulo, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**. Paz e Terra São Paulo, 1997.

DEMO, P. Cartas a Renan, o paciente. In: DEMO, P; SILVA, R. A (Orgs.) **Aprendendo a quatro mãos, duas mais calejadas, duas menos**: uma permuta de cartas entre Pedro Demo e Renan Antônio da Silva. Livrologia. Chapecó, 2020.

SILVA, R. A. Cartas a Pedro Demo, o mestre. In: DEMO, P; SILVA, R. A (Orgs.) **Aprendendo a quatro mãos, duas mais calejadas, duas menos**: uma permuta de cartas entre Pedro Demo e Renan Antônio da Silva. Livrologia. Chapecó, 2020.